



**José Mendes Fonteles Filho**  
ORGANIZADOR

Sebastião Ovidio dos Santos  
Rita de Cássia Siqueira

# O Aldeamento Tremembé de Almofala

o espaço do Mangue Alto ontem e hoje



O ALDEAMENTO  
**TREMembÉ**  
DE ALMOFALA: O ESPAÇO  
DO MANGUE ALTO  
ONTEM E HOJE



**Presidente da República**  
Dilma Vana Rousseff

**Ministro da Educação**  
Henrique Paim

**Universidade Federal do Ceará - UFC**

**Reitor**  
Prof. Jesualdo Pereira Farias

**Vice-Reitor**  
Prof. Henry de Holanda Campos

**Imprensa Universitária**  
**Diretor**  
Joaquim Melo de Albuquerque

José Mendes Fonteles Filho  
(organizador)

Sebastião Ovildo dos Santos  
Rita de Cássia Siqueira

**O ALDEAMENTO**  
**TREMembÉ**  
**DE ALMOFALA: O ESPAÇO**  
**DO MANGUE ALTO**  
**ONTEM E HOJE**



Fortaleza  
2014

**O aldeamento Tremembé de Almofala: o espaço do Mangue Alto ontem e hoje**

Copyright © 2014 by José Mendes Fonteles Filho (Org.), Sebastião Ovildo dos Santos, Rita de Cássia Siqueira

Todos os direitos reservados

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC)  
Av. da Universidade, 2932, Benfica — Fortaleza - Ceará

**Coordenação Editorial**

Ivanaldo Maciel de Lima

**Revisão de Textos**

Antídio Oliveira

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Sandro Vasconcellos

**Capa**

Heron Cruz

**Fotos**

Acervo dos Autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Bibliotecária Luciane Silva das Selvas CRB 3/1022

---

S237a Santos, Sebastião Ovildo dos.  
O aldeamento Tremembé de Almofala: o espaço do Mangue Alto ontem e hoje / Sebastião Ovildo dos Santos, Rita de Cássia Siqueira; Organizador: José Mendes Fonteles Filho. - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.  
68 p. : il. ; 21 cm. (Magistério pé no chão)

ISBN: 978-85-7485-224-9

1. Índios Tremembé - educação - Almofala (Itarema, CE).
2. Índios - educação. I. Título.

---

CDD 371.829808131

## DEDICATÓRIA

**D**edicamos este livro, primeiramente, ao Pai Tupã, por nos conceder a graça de nossa existência e coragem para esta realização.

Aos nossos pais, por nos terem criado, educado e nos ajudado nos momentos de dificuldades.

Aos nossos companheiros de curso, pelo incentivo, apoio e companheirismo, além das palavras de incentivo nas horas de desânimo.

Aos nossos amigos: pessoas tão queridas e especiais, que estão sempre presentes nas horas mais difíceis e nos incentivam a buscar novos conhecimentos.

A todos os professores e professoras que muito contribuíram para nossa formação, e a nossa orientadora Joína pela sabedoria e dedicação com a qual supervisionou esse trabalho, com dificuldades e persistência fazendo com que ele se tornasse possível.



## AGRADECIMENTOS

**A**gradecemos, em primeiro lugar, ao Pai Tupã, por nos conceder essa oportunidade de podermos resgatar a história de Mangue Alto e também aos nossos parceiros de curso que caminharam lado a lado durante essa jornada nos auxiliando nas dificuldades e conquistas.

Aos parceiros que contribuíram para o fortalecimento da nossa cultura e desenvolvimento das comunidades indígenas Tremembé, tal como a UFC – Universidade Federal do Ceará, Igreja Metodista e demais companheiras que nos auxiliaram durante esse percurso de magistério.

Queremos também reconhecer e sermos gratos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo apoio à realização deste trabalho, por meio da disponibilização de bolsas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID Diversidade, que muito favoreceu as condições da pesquisa e conclusão do MITS.

Agradecemos ainda a Joína Freitas Borges, com a sua especialidade de pesquisa, orientou-nos no trabalho que deu origem a este livro.

Às lideranças de nosso aldeamento, pela força e incentivo, fazendo com que não desanimássemos perante os obstáculos enfrentados no nosso caminho.

Em especial, agradeço a todas as pessoas que contribuíram para que fosse possível a realização deste livro, fazendo com que a história de Mangue Alto não seja esquecida no tempo e no espaço.



## APRESENTAÇÃO

**C**aro leitor, é com imenso prazer e esforço que vimos até você, por meio deste livro, apresentar a história de um espaço em especial do aldeamento Tremembé de Almofala: a comunidade de Mangue Alto.

Para realizar este livro, também contamos com a preciosa orientação das lideranças da comunidade de Mangue Alto.

Gostaríamos de ressaltar a importância do conteúdo deste livro como uma valiosa contribuição para manter as histórias dessa comunidade, a qual passou por grandes transformações.

O envolvimento e empenho de todos os cursistas do MITS e da comunidade foi fundamental para ampliar e enriquecer o conteúdo deste livro, a fim de que este fique como subsídio para todas as escolas indígenas.

Esperamos que tenhamos conseguido produzir um livro didático para ser usado nas escolas Tremembé, a fim de divulgar as histórias e consequências causadas pelo homem no aldeamento de Mangue Alto e de que as mesmas sejam divulgadas. E ainda para que, com este livro, as pessoas possam tomar parte da conscientização para com o meio e para que o mesmo desperte em si a responsabilidade de preservar o espaço físico que nos rodeia, sem causar grandes danos ao ambiente.



# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo I - A PAISAGEM DE ANTES DA COMUNIDADE DE MANGUE ALTO: PAISAGEM É TRANSFORMAÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>Capítulo II - ORIGEM DE MANGUE ALTO.....</b>	<b>19</b>
2.1 As dunas antes.....	24
2.2 As lagoas antes.....	27
2.3 As paisagens do passado - os sítios arqueológicos de Mangue Alto.....	29
2.3.1 Sítio da casa do Seu Zé Biinha.....	31
2.3.2 Sítio da casa de Dona Bem-Vinda.....	32
2.4 Modelos das casas de antes.....	33
<b>Capítulo III - A PAISAGEM DE MANGUE ALTO HOJE.....</b>	<b>39</b>
3.1 As dunas hoje.....	40
3.2 Os sítios arqueológicos hoje.....	43
3.3 A escola do mutirão de Mangue Alto hoje.....	44
3.4 As lagoas hoje.....	46
3.5 Modelos das casas de hoje.....	47
3.6 Mangue Alto hoje.....	49
3.7 Construção da escola do mutirão de Mangue Alto.....	49
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>63</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>65</b>



## INTRODUÇÃO

**M**angue Alto é localizado no município de Itarema, no aldeamento Tremembé de Almofala. Este livro contará as histórias da paisagem de Mangue Alto de antes e de hoje, a origem de Mangue Alto antes, as dunas, as lagoas, os sítios arqueológicos, modelo das casas, a escola do mutirão de Mangue Alto e o espaço físico do Mangue Alto em geral, enfocando como era a paisagem do local. Visto antes e hoje.

Neste livro, será encontrada também a forma de organização do povo de Mangue Alto, suas políticas e manifestações as quais obtiveram êxito em algumas partes e perdas em outras. O trabalho demonstra as mudanças ocorridas nessa localidade.

Essa reflexão se revela muito oportuna quando se consideram os impactos sobre o lugar e os desmatamentos dessa localidade de Mangue Alto, na ação de diferentes agentes atuando sobre a região.

Neste estudo sobre as mudanças ocorridas nessa região, foram enfocados dados dessa localidade de Mangue Alto, dando ênfase à força e persistência do povo que ali habita.

O presente livro trata ainda da preocupação da comunidade, agregando as dificuldades passadas por eles. A finalidade central é, portanto, enfatizar o controle e a preocupação com a preservação de seu povo e de seu lugar.



## Capítulo I



# A PAISAGEM DE ANTES DA COMUNIDADE DE MANGUE ALTO: PAISAGEM É TRANSFORMAÇÃO



Paisagem de Mangue Alto antes (RITA e SEZINHO, 2012).

**A** paisagem é tudo aquilo que podemos perceber na natureza, podendo a mesma apresentar várias escalas, dependendo do local onde nos encontramos, pois ela é uma

*sobreposição*<sup>1</sup> de momentos diferentes, de vários estágios da história de uma ou mais comunidades. A paisagem reflete as mudanças pelas quais passam as sociedades e, assim, por onde as pessoas passam, a paisagem é modificada.

Geralmente, são considerados dois tipos de paisagem: a paisagem artificial e a paisagem natural. A artificial é aquela transformada pelo homem, pois a produção do espaço artificial é resultado da ação dos homens, interagindo sobre o espaço existente. Ainda pode-se acrescentar que quanto mais *complexa*<sup>2</sup> for a vida social de determinada comunidade, mais a paisagem artificial será evidente, por causa da diversidade de modificações realizadas, como edificações, cores, funções e formas exigidas por esse tipo de *sociedade*.<sup>3</sup>

Já a paisagem natural é aquela que não foi modificada pelo ser humano, mas também não é *estática*.<sup>4</sup> Transformam-se de acordo com os fenômenos que ocorrem na natureza, tais como *estiagens*,<sup>5</sup> enchentes, mudanças climáticas, etc. A paisagem natural encontra-se, praticamente, inexistente atualmente, pois o homem vem ocasionando mudanças no ambiente cada vez mais global.

Porém, a percepção da diferença entre esses dois tipos de paisagem tem-se tornado cada vez mais difícil por causa da mixagem do meio natural e artificial. Existe uma migração frequente do meio natural para o artificial, pois cada vez mais aumenta a integração dos instrumentos de trabalho do ser humano e a paisagem natural; a cidade é um exemplo da

---

<sup>1</sup> **Sobreposição:** Ato ou efeito de sobrepor, de juntar.

<sup>2</sup> **Complexidade:** “diz-se de ou conjunto, tomado como um todo mais ou menos coerente, cujos componentes funcionam entre si em numerosas relações de interdependência ou de subordinação, de apreensão muitas vezes, difícil pelo intelecto e que apresentam diversos aspectos”.

<sup>3</sup> **Sociedade:** É o conjunto de pessoas que compartilham preocupações e costumes e interagem entre si.

<sup>4</sup> **Estático:** sem movimento, parado, imóvel.

<sup>5</sup> **Estiagem:** abaixamento máximo da água, rios, fontes.

adição do artificial ao natural. A paisagem, então, deve ser pensada em paralelo com as condições político-sociais e culturais do espaço onde ela se encontra inserida, procurando sempre perceber o invisível.

A Comunidade de Mangue Alto era um lugar de muitas paisagens, sendo notável seu ambiente como bem de todos: rios, lagos, dunas e toda flora que pertencem à localidade de Mangue Alto dão subsídios para as famílias que ali habitam. É preciso, portanto, que estejamos cientes de sua preservação, considerando suas paisagens como *patrimônios*<sup>6</sup> da comunidade. O local era bem preservado, suas matas chegavam a tomar toda a região, formando um grande pasto verde, que era adorado pelas pessoas que ali viviam e cuidavam daquele local, preservando bem seu habitat.

---

<sup>6</sup> Patrimônio: herança deixada de pai para filho.



## Capítulo II



# A ORIGEM DE MANGUE ALTO

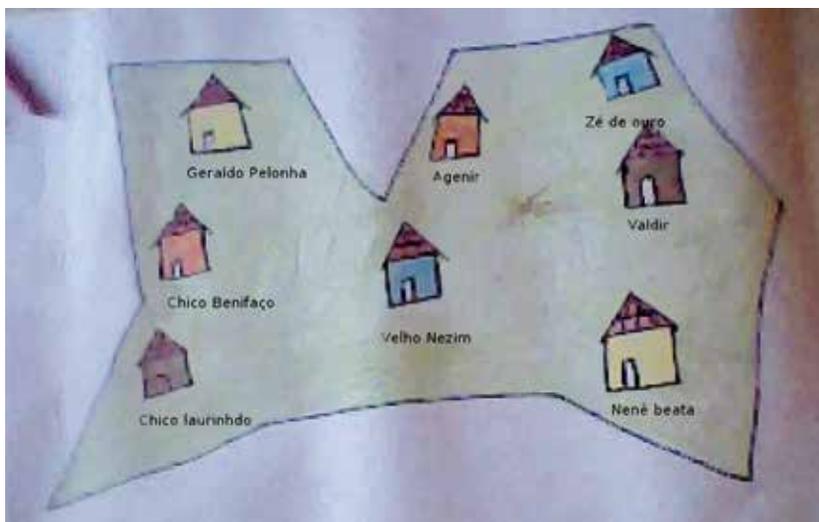


A paisagem de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

**D**e acordo com os relatos de algumas lideranças da comunidade, o nome “Mangue Alto” se deve ao fato de ali, naquela localidade, existirem muitos mangues, e os mesmos serem grandes, daí o nome: Mangue Alto. Valorizando a memória de seus moradores e respeitando a identidade que possuem com seu lugar, questionamos alguns dos habitantes da localidade, sobre a história do seu espaço.

Dona Nenê Beata, que tem muitas lembranças e que sempre as manterá como suas testemunhas, diz que não es-

quece como era o lugar onde mora. Afirma que ali todos viam muito livres. Dona Nenê lembra os morros que lhes pertenciam, os quais eram muito importantes para ela, que é uma das pessoas mais antigas da região. A terra, para ela, é símbolo de resistência, cultura e luta.



Mapa da localidade de Mangue Alto como era antes (RITA e SEZINHO, 2012).

Após um momento de muita tensão, durante um conflito, quando derrubaram os morros, Dona Nenê Beata sofreu muito. Ela diz que respeita o seu espaço físico, pois é um marco da terra Tremembé.

## **Entrevista com Dona Nenê Beata (68 anos), liderança de Mangue Alto.**

*Dona Nenê Beata é uma das lideranças mais velhas da localidade de Mangue Alto. Ela nasceu em Passagem Rasa, mas, com 15 anos de idade, veio morar na comunidade de Mangue Alto. Hoje, com 68 anos, nunca abandonou a luta de seu povo.*

**Sezinho:** Como era essa localidade, antes aqui? Toda vida foi assim, um lugar sempre bonito? As casas eram poucas? Fale um pouco como era.

**Dona Nenê Beata:** Quando eu chequei aqui, só tinha 15 anos. Não fui nascida aqui mais fui criada. Nesse tempo, tinha muita fartura; meu marido pescava. Nós costumava plantar batata, feijão, milho. Toda vida gostei de terras.

**Sezinho:** Como era esse lugar antes? Era assim, tinha muitos morros, matos, toda vida foi assim?

**Dona Nenê Beata:** Tinha muitos morros, mas, com a chegada das pessoas, tudo foi mudado. Eles compravam um pedaço de terra e cercavam todo o morro. E daí foram plantando os coqueiros, derrubando os morros. Tudo foi ficando mudado. A família Pereira, que morava no lameirão, foi-se apossando logo. Quando eu chequei aqui, tinha muitas lagoas. Eu gostava de pescar nessas lagoas. Depois foram chegando outras famílias, daí foi aumentado a quantidade de famílias. Agora estamos sem terras para morar. Eu ainda andei lutando, mas não

consegui impedir. Eles foram cercando até os caminhos dos pescadores que iam para o mar.

**Sezinho:** Você tem ideia de quantas famílias moram aqui em Mangue Alto?

**Dona Nenê Beata:** Nem me lembro mais. Aqui só tinha uma família morando. Nem me lembro, acolá morava a família da Rosinha, onde morava o Zé do Pará. Ele era rezador, por isso se chamava Zé rezador. Ele vendeu para o Chico Ramos, que veio da Tapera e que comprou outra morada aqui.

Depois vendeu para a Rosinha e daí foi morar em outro lugar. Daí foram aumentando os moradores daqui. E hoje não tem nem mais caminho. Foi cercado tudo. Eu andei falando pra pararem, mas não teve jeito.

### **Depoimento de Zé Biinha**

#### **Zé Biinha, liderança de Mangue Alto.**

*Zé Biinha, 56 anos, pescador, feitor de artesanato de coco, palha, pau, entre outros materiais, delegado do CITA, pescador profissional.*

*Sendo uma das pessoas que mais contribuiu para a construção da escola de Mangue Alto na construção de pedreiro entre outros serviços.*

**Sezinho:** Estamos fazendo nosso trabalho de conclusão de curso. Aí nós resolvemos pesquisar aqui a localidade de Mangue Alto, pra saber como ela era antigamente. Como que tá hoje? Por que que está desse jeito? Por que a necessidade de criar essa escola? Mas primeiro comece

falando como era a comunidade de Mangue Alto. Antes de falar, diga seu nome e sua idade

**Zé Biinha:** Sim, é o nome todo ou só o apelido?

**Sezinho:** Pode ser de qualquer jeito.

**Zé Biinha:** É que a gente é conhecido mais pelo “apelique”. Sou conhecido como Zé Biinha, mas o nome de documentos é mais diferente: José Geraldo dos Santos. Tenho 56 anos, tô dentro dos 57 anos. A minha função aqui mesmo é... até agora eu não tinha função nenhuma, a minha função era só ser liderança daqui mesmo e mais nada. Agora passei a ser delegado do *CITA*,<sup>7</sup> né? A negada pediram uma delegacia aqui pra localidade de Mangue Alto pra ficar mais fácil de a gente botar os pagamentos em dia. É que nós pagava lá na delegacia do Panã que a dona Mariinha... mas a gente não tinha costume de pagar lá. Ela era quem procurava, aí a gente, às vezes, arrumava o dinheiro, começava a esperar por ela, esperava, esperava... Às vezes, tinha precisão, aí gastava, por causa do que fazer, a gente acabava ficando até atrasado porque demorava muito.

Aí a Cristina cansou de deixar dinheiro lá em casa pra ficar mais fácil pra fazer o pagamento, porque era o “ganche” dela. Agora aí a gente botou essa delegacia aqui. Agora eu tô procurando, procurando, não tô recebendo as mensalidades da localidade de Mangue Alto.

**Rita de Cássia:** Além disso, você faz outras coisas?

---

<sup>7</sup> **CITA:** Conselho Indígena Tremembé de Almofala.

**Zé Biinha:** Artesanato né? É, e não só artesanato, é várias coisas. A profissão minha mesmo é pescador. Eu sou pescador profissional porque meus documentos é tudo de pescador, mas sou agricultor desde criança, porque nasci e mim criei na agricultora, com direito na agricultura. Depois passei pra pescador. Agora, como eu não tô mais aguentando a vida de pescador, que é uma vida sofrida, cansada, pesada, eu tô mim aguentando com uns artesanatozinho.

## 2.1 AS DUNAS ANTES



As dunas de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

As dunas são montes de areia, formados pelo deslocamento de partículas finas que se movimentam ao vento, ou seja, os ventos as levam para outro lugar. Elas param quando encontram um obstáculo, e assim formam montes que mudam de lugar.

Ao atingir determinada altura, esse monte desmorona, reiniciando o processo.

As dunas sempre exerceram um grande fascínio nas pessoas, pois formam paisagens lindíssimas, além de se movimentarem. Elas são um grande atrativo para turistas e um divertimento para as crianças. Muitas vezes, as dunas costumam migrar em direção às casas, obrigando seus moradores a abandoná-las.

O espaço físico de Mangue Alto era visto por suas belíssimas paisagens naturais, cobertas de grandes dunas, as quais ilustravam e davam um novo formato ao lugar. Sabe-se que as dunas eram para o povo da comunidade, uma forma de eles estarem sempre em contato com a natureza, sentindo o vento bater em seus rostos e observando a beleza do mar de cima das dunas.

O povo de Mangue Alto sempre buscou preservar as dunas ali existentes, contudo, com o passar do tempo, elas foram-se se movimentando ou as pessoas foram destruindo. Desde então, essa localidade é degradada, desfigurando a paisagem natural.

### **Entrevista com Zé Biinha**

**Sezinho:** Pois sim, vamos falar sobre essas dunas desse local. Aqui toda vida foram assim desse tamanho? Como era aqui?

**Zé Biinha:** Da minha lembrança mesmo, desde as primeiras vezes em que comecei a ver aqui essas dunas, sempre teve. Inclusive, alguns nomes como o Morro da Velha Maria Bem-vinda, o qual era o morro mais alto que existia na localidade de Mangue Alto. As crianças, quando iam brincar em cima dele, para chegar até o alto, subiam de quatro pé de tão alto que era o morro, e assim todo dia as crianças brincavam em cima dele.



Zé Biinha, liderança de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

De acordo com dona Nenê Beata, os morros sempre foram assim, mas houve muitas mudanças da parte do homem, muitas delas (*as dunas*) se moveram.

Os morros são vivos. Esse morro foi o vento que derrubou, e também o homem que destruiu. O homem destruiu muito, onde tem morro que não é cercado, é virgem, como antigamente, ainda não era cercado, destiorado, são bem bonitos e todos calmim. Essas terras que foram bolidas ficam revoltadas com o homem, porque aí mexe com a areia, às vezes, elas se mudam de lugar:

### **Vamos pesquisar?**

*Procure saber, perguntando a pessoas mais velhas, como eram as dunas de Mangue Alto antes de você nascer.*

## 2.2 AS LAGOAS ANTES



Alunos do 2º ano da escola de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

As lagoas são depressões naturais na superfície da Terra que contêm permanentemente, uma quantidade variável de água. Essa água pode ser proveniente: da chuva; duma nascente local; onde cursos de água, como rios que deságuam nessa depressão. Normalmente, a água das lagoas é água doce, mas existem, no mundo, alguns importantes lagos salgados. Acreditamos que as lagoas variam dependendo do terreno, das localidades onde elas se encontram. E que as mesmas são resultado de um processo natural, onde se acumula água, formando assim uma lagoa.

As lagoas salgadas, por sua vez, formam-se devido ao lugar não acumular muita água e à mesma evaporar com facilidade.

A localidade de Mangue Alto sempre foi um lugar privilegiado e farto de água, pois era rodeado de lagoas, todas com uma história diferente. De acordo com as lideranças locais, na

Lagoa da Pedra, aparecia uma mulher sentada na pedra penteando seus cabelos. Dizem também que essa mulher se transformava em animais para poder mudar para outra lagoa.



Alunos da escola de Mangue Alto tomando banho (RITA e SEZINHO, 2012).

Dizem que, uma vez, uma pessoa foi tomar banho, e, ao chegar à beira da lagoa, a mulher estava lavando seus cabelos. Quando ela viu a pessoa, virou-se numa cobra e correu para o fundo da lagoa.

Diante da fartura de tanta água, os moradores não se preocupavam em lavar suas roupas ou tomar banho, pois estavam diante de um patrimônio da natureza, o qual existia em abundância.

De acordo com o depoimento de lideranças da comunidade de Mangue Alto, existem lagoas que chegam a mudar o gosto de sua água. Em tempo de maré grande, a água fica salobra e, quando é tempo do verão, sua água volta a ser doce. Isso acontece devido a ela estar bem próxima à beira da praia.

## 2.3 AS PAISAGENS DO PASSADO – OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE MANGUE ALTO



Resto de barro do sítio do seu Zé Biinha (RITA e SEZINHO, 2012).

Os sítios arqueológicos são lugares resultantes da permanência dos moradores que ali residiram no passado, os quais deixaram restos do seu cotidiano, como objetos, alimentos ou, ainda, construções, sepultamentos, entre outras marcas que os homens deixam se acumular na paisagem.

Com o decorrer dos anos e a derrubada das casas, surge o que os antigos, em linguajar indígena, chamam de “tapera”, ou seja, o amontoado de restos e objetos.

São esses objetos que ali ficam acumulados que dão origem a um lugar, conhecido por sítio arqueológico. Esses sítios são formas vivas de lembranças de um povo que ali permaneceu por um determinado tempo, usufruindo o meio que os rodeia.

Sabe-se que “na natureza um lugar é sinônimo de sobrevivência [...] É em algum lugar que os seres produzem

sua vida, transformando o meio, ou, simplesmente, interagindo com ele” (BORGES, 2004, p.98).

Os sítios arqueológicos de Mangue Alto estão localizados em áreas praianas do aldeamento de Almofala e dispõem de variedades de objetos *líticos*,<sup>8</sup> amontoados de conchas e moluscos.

### **Você Sabia?**

*Que os sítios arqueológicos pertencem a todos os brasileiros, são considerados bens da União e, portanto, devem ser preservados por todos nós, sendo proibida por lei a sua destruição? (Lei 3.924/61).*

Os moluscos faziam parte da alimentação dos povos que ali habitavam, pois os mesmos eram considerados uma rica fonte de proteína. Sem contar que eram fáceis de serem coletados, pois eram encontrados nos mangues e nas areias das praias.

De acordo com Borges (2010), o litoral norte brasileiro vem sendo ocupado por populações pescadoras há milhares de anos. Essas populações litorâneas transformaram seus hábitos culturais e sociais com o passar do tempo, mas também cultivaram especificidades, com o costume de acumular restos de moluscos e de viverem baseados na pesca, na coleta e na caça, o que os diferenciava de outras populações nativas brasileiras. Os Tremembés, desde as primeiras informações

---

<sup>8</sup> **Lítico:** Relativo a pedra. Objeto feito de pedra. Os homens do passado faziam vários instrumentos, tais como facas, foices, machados e demais utensílios de rochas como granito, sílex, quartzo, etc.

sobre eles, no início do século XVII, são descritos como indígenas ligados à pesca, como notáveis mergulhadores, habitantes das praias da costa norte brasileira. Sendo assim, como resultado de suas moradias nas praias, deixaram, como testemunhos do seu modo de viver os sítios arqueológicos. Muitos desses sítios arqueológicos hoje se encontram sobre dunas. Por causa disso, alguns pesquisadores acreditam que ocorreram várias mudanças consideráveis no hábitat primitivo dos grupos que povoaram a região, acreditando ser inviável a ocupação de áreas tão perigosas para se viver, devido à constante ação do vento.

Entretanto, esses grupos poderiam situar-se em regiões de dunas, à beira de depressões e de córregos ali existentes, por causa das melhores condições de habitabilidade. Além disso, como é descrito em alguns documentos históricos, os Tremembé estavam habituados à vida sobre as dunas, os mangues. Lugares de difícil moradia, para uns, seriam espaços estratégicos para eles.

### **2.3.1 Sítio da casa do seu Zé Biinha**

Próximo à casa do seu Zé Biinha, existe um sítio arqueológico, descoberto pelo mesmo quando estava trabalhando em sua plantação de roça. O local, cheio de altos e baixos, fica localizado em cima de morros próximos a sua residência. Nele é fácil encontrar vestígios de ostras, barro, conchas de búzios, por isso, seu Zé Biinha acredita que ali se trata de um sítio arqueológico, pois o local parece um lugar onde alguém tivesse posto uma casa ali há muito tempo. Desde então, seu Zé Biinha passou a preservar o local, fazendo com que os vestígios não fossem retirados dali.

### 2.3.2 Sítio da casa da Dona Maria Bem-vinda

O sítio arqueológico próximo à residência de Dona Bem-vinda foi encontrado por Dona Nenê Beata em suas andanças próximo a sua antiga moradia. Percebendo que ali existiam muitos vestígios, começou a observar o local com mais frequência e foi descobrindo que se tratava de um sítio arqueológico devido à variedade de objetos encontrados no local.



Ostras encontradas em um sítio perto da casa de Zé Biinha (RITA e SEZINHO, 2012).

A partir dos relatos de Dona Nenê Beata e Zé Biinha, estivemos nos locais por eles indicados, juntamente com essas pessoas e pudemos constatar que ali havia grandes vestígios de restos de moluscos espalhados pelo local. Conforme suas falas, o local ainda não era conhecido pelas pessoas da comunidade, nem tão pouco tinha um nome. Era conhecido apenas por “morada velha”. Os vestígios ali vistos estavam todos espalhados pelo local, distantes uns dos outros devido a estarem dentro de uma plantação. O lugar tem sido muito mexido.



Resto de tijolos e búzios encontrados no sítio de Bem-Vinda (RITA e SEZINHO, 2012).

## 2.4 MODELOS DAS CASAS DE ANTES



Casa feita de taipa, coberta de palha na região de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

Antigamente, na comunidade de Mangue Alto, as pessoas moravam em casa feitas de taipa,<sup>9</sup> cobertas por palhas de

---

<sup>9</sup> **Taipa:** processo de construção de paredes que utiliza barro amassado para preencher os espaços criados por uma espécie de gradeamento, em geral, feito de paus, varas, bambus, caules de arbustos etc.

coqueiro e rebocadas de barro. Para construir essas casas, o pessoal não precisava comprar material, pois o mesmo era feito pelos próprios moradores, que o retiravam do espaço no qual habitavam. Contudo, suas casas representavam um modelo simples, mais seguro, que oferecia conforto e comodidade para a família.

Acredita-se que as casas construídas pelos mais velhos geravam tranquilidade para os moradores, pois os mesmos tinham certeza de que, por mais simples que fosse o modelo de suas casas, sabiam que estavam bem acomodados. Todavia, as casas não eram acimentadas, o piso era a própria areia, suas portas eram de palha ou então de cipó todas trançadas em forma de cruz. As pessoas mais velhas carregam consigo a certeza de que as portas feitas em forma de cruz espantam todos os malefícios.

### **Entrevista com Zé Biinha, em 25 de maio de 2012.**

**Sezinho:** Como era a questão das casas aqui em Mangue Alto?

**Zé Biinha:** Em relação às casas, estão mudadas devido a, naquele tempo, ter onde encontrar uma forquilha, um caibo, uma vara, para se fazer uma casa, a qual era toda construída com madeira ou tirada de dentro do nosso aldeamento, sem precisar comprar, devido à facilidade. Antes. É por isso que os Tremembé mais velhos não ficavam muito tempo em um só lugar, estavam sempre mudando de local. Devido à facilidade de madeira. Em nossa área de Mangue Alto, hoje, é diferente, sendo ruim em uns pontos e bom noutros. Antes, quando uma pessoa se deslocava de Mangue Alto para Torrões, era vista uma ou duas casas. Ia ver casa de novo quando chegava

lá. Por outra parte, era ruim porque, em uma precisão, caso de doenças, para chamar um vizinho, não tinha como, devido às casas serem muito distantes.

**Sezinho:** Assim só voltando para a comunidade de Mangue Alto. Como era a comunidade antes, quando você chegou? Descreva como era mesmo, se tinha essas casarões, se eram esses mesmos tipos... Como era?

**Zé Biinha:** Quando cheguei aqui, não tinha essas casas aí, não. As casas que tinha aqui era aquela casa onde o papai mora (mostrando a posição onde ficava), que era o finado Chico Laurindo. Só que a casa não era aquela ali não, mas é bem naquele localzinho ali. Era uma casinha de palha. Depois dessa casa lá do Chico Laurindo, tinha a casa do velho Nezim lá embaixo. Aí passava aqui pra cima, tinha a casa da Nenê Beata, a casa do finado Valdir. Falta outra casa. Dá pra gente contar a casa do Zé de Ouro hoje, da Agenir e a casa do finado Geraldo Pelonha. Lá passava na porta do Salustiano, ia ter casa de novo lá no finado Chico Benifaço. Essas casas aí agora lá perto da beira do mar, essas outras casas que nós estamos vendo hoje aqui não tinha não. Aí depois, o Chico chegou aí, fez uma casinha lá perto de nós, uma casinha velha que tinha. Depois ele saiu de lá, tinha uma casinha bem ali assim (novamente fazia o gesto mostrando a posição). Aí eram as casas que tinha depois. Era tanta pouca casa que eu tinha, que até uma criação de ovelha, o pasto delas, era em cima desses morros. Depois foi que apareceu mais casa, tá com pouco bem pouquinho tempo.

## Entrevista com Dona Nenê Beata



Nenê Beata, liderança de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

**Sezinho:** Essas casas, toda vida, foram assim? Feitas de tijolo? Como era o formato das casas que tinha aqui em Mangue Alto?

**Nenê Beata:** Modelos das casas de antigamente. Elas eram feitas de barro e cobertas de palha. Depois que deu para aparecer casas de tijolos. Por motivo da pesca da lagosta, as pessoas começaram a pegar dinheiro. Mas, de primeiro, as casas eram tudo de palha e pequenas.

**Sezinho:** Como está hoje? Melhor ou pior do que antes? Qual sua visão sobre Mangue Alto hoje?

**Nenê Beata:** Antigamente, era melhor, porque era muito tranquilo, não tinha muitas casas, nem estrada. As pou-

casas terras que ainda tem são poucas, e para entrar qualquer pessoa aqui era muito difícil. Agora as coisas estão muito mudadas.

**Vamos pesquisar?**

*Procure saber com os mais velhos por que não existem mais essas casas de antigamente.*



## Capítulo III



# A PAISAGEM DE MANGUE ALTO HOJE



Como é visto Mangue Alto hoje (RITA e SEZINHO, 2012).

**É** considerada paisagem natural aquela de origem da natureza, sem interferência da ação humana, como a vegetação e as formas de vidas ali existentes. Também existe a paisagem que sofre transformações devido ao resultado da interferência humana. Muitas vezes, o conceito de paisagem é distorcido, pois muitas pessoas entendem que ela é somente aquilo natural, porém paisagem é tudo aquilo que possamos ver. Ela é formada não só por volumes, mas também por co-

res, cheiros, movimentos, sons. Podemos dizer, então, que é o conjunto daquilo que vemos e sentimos. Considera-se paisagem a imagem resultante de todos os elementos presentes em determinado local. A paisagem não é simplesmente o espaço ocupado, pois, se retiramos a paisagem de um determinado lugar, o espaço não deixará de existir. Contudo a paisagem é resultado de um processo natural e material onde o homem destrói e usufrui ao mesmo tempo. Mangue Alto hoje já não demonstra tanta beleza em sua paisagem. A mesma foi danificada pela ação dos homens que, para fazer suas moradias, danificaram seu espaço natural. Podemos perceber, nesse local, hoje, o acúmulo de casas e cercados. A comunidade se encontra rodeada de grandes construções e cercados, e sua beleza já não brilha mais como antigamente.

### **3.1 AS DUNAS HOJE**



Como são vistas as dunas de Mangue Alto hoje (RITA e SEZINHO, 2012).

As dunas são montes de areia, criadas pela natureza, que, ao longo dos tempos, vão-se modificando. As dunas de

Mangue Alto hoje são vistas em pequenas elevações arenosas que se formam em locais de onde a praia não consegue levar e que apresentam algumas características que favorecem ventos constantes que sopram em uma direção predominante.

Sabemos que as dunas são consideradas áreas de preservação permanentes pelo fato de constituírem um ecossistema próprio, com características próprias. Podem ser ainda classificadas em dois tipos, de acordo com sua mobilidade: dunas fixas, quando não saem do lugar de origem; e dunas móveis, ou migratórias, quando o vento “carrega” para outro lugar. Porém, na localidade de Mangue Alto, as dunas apresentavam todas um tamanho igual devido à ação do homem, impedindo que as mesmas cresçam.

Em decorrência da invasão das pessoas, o espaço físico do aldeamento de Mangue Alto foi perdendo suas formas naturais, pois as dunas que antes ocupavam todo o território daquela comunidade tornaram-se um terreno onde as dunas já não eram a beleza daquele lugar. Acredita-se que as dunas ali existentes faziam bem à comunidade local, pois as mesmas serviam de diversão para as crianças que ali existiam. E que a ação do homem foi o principal causador do desaparecimento das dunas na comunidade de Mangue Alto.

Com o desaparecimento das dunas, o lugar foi perdendo seu aspecto natural, pois as retiradas de areia que as pessoas de torrões levavam para construir suas casas cada vez mais contribuía para o desaparecimento dessas dunas. Levando em conta a beleza das dunas e suas formas cheias de alto e baixos as quais servem de diversão para as crianças, temos que valorizar esse espaço de grandes valores e paisagens naturais. Sendo que, com as derrubadas das dunas, a vidas das pessoas de Mangue Alto sofreram o impacto, pois acabaram também alguns tipos de plantas, como o muricizeiro, a goiabeira, os puçazeiros a castanholeira entre outras que garantiam a subsistência do povo do aldeamento..

Hoje foi instalada uma torre de plataforma no local, enquanto os outros morros sempre foram de um tamanho só.

### **VAMOS PESQUISAR?**

*O que levou as pessoas de Mangue Alto a degradarem as dunas?*

### **Entrevista com Zé Biinha**



Zé Biinha, liderança de Mangue Alto  
(RITA e SEZINHO, 2012).

**Sezinho:** Como você vê hoje? Está como antigamente ou não? O que mudou?

**Zé Biinha:** Tá muito diferente, porque muitos foram derubados para fazer as construções. E tem outros que também não estão na sua forma original devido à destruição do pessoal que tirava a areia para levar para fazerem casas, e outros foram destruídos para entupir uma lagoa, causando um problema ainda maior, porque estava matando duas coisas da natureza, e isso fez com que o local mudasse.

### 3.2 OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS HOJE



Resto de barro e de ostra do sítio perto da casa de seu Zé Biinha (RITA e SEZINHO, 2012).

Até pouco tempo, as pessoas da localidade de Mangue Alto não tinham conhecimento se existiam ou não sítios arqueológicos em sua região. Atualmente, a comunidade de Mangue Alto passou a perceber alguns vestígios de restos de moluscos próximos às antigas moradias de pessoas que viveram ali, há tempo.

Com a realização desse trabalho em campo na localidade de Mangue Alto, algumas lideranças passaram até a dar mais atenção ao seu espaço e começaram a observar lugares que podem ser sítios arqueológicos. Em visita desses lugares, podemos afirmar que ali existem grandes vestígios de sítios arqueológicos. Desde então, a comunidade passou a se preocupar em preservar esses lugares.

### 3.3 A ESCOLA DO MUTIRÃO DE MANGUE ALTO HOJE



Escola de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

Atualmente, Mangue Alto pode contar com uma escola diferenciada, que atende os alunos de sua comunidade e trabalha a questão de sua cultura e o resgate de sua tradição. Nessa, atualmente, existem oito professores: Gleiciele, na pré-escola; Alexandrina, no 1º ano; Rita de Cássia, no 2º e 3º ano; Cristina, no 4º e 5º ano; Angelina, no 6º ano; Dhone, no 7º ano; Andreina, no 8º e 9º ano; Elardo, na sala de laboratório de informática; e Rosângela, como diretora da escola.

A escolinha de Mangue Alto, a cada dia, aumenta sua quantidade de alunos.

## Entrevista com Dona Nenê Beata



Dona Nenê Beata (RITA e SEZINHO, 2012).

Eu e minha família. Eu nunca estudei, sempre me engajei nessa luta de índios. Já saí correndo com medo das guerras da passagem rasa e vim parar no lado de cá. E aí apareceu mesmo esse trabalho, e eu disse “vou trabalhar com unhas e dentes nessa escola”. Eu não queria só uma pra mim, mas sim para nossa comunidade. Daí fomos e arrumemos essa escola. Veio a Carla e o Evaldo para ajudar nessa escola. Daí desse para minha filha Rosângela. Tinha um pé de azeitoneira, mas aí não deu certo. Eu disse: “Vamos colocar essa escola na minha casa”, e a Rosângela começou a ensinar. Daí foram aparecendo mais meninos, professores. E eu com esses meninos, pelejando. Como não tinha cadeira, eles se sentavam nos tijolos, e eu, pelejando, arranjei merenda para eles. E, nessa época, era a merendeira da escola. Arranjei uma pessoa para me ajudar. Eu era quem ia deixar os alunos nas suas casas, porque as casas deles eram muito longe. Aí veio Andreína, Rita, e foram, e as esco-

lhidas pela comunidade que seguiram o mesmo caminho de Rosângela a ensinar voluntária só mesmo pelo prazer de ajuda a comunidade. E eu também andei viajando, arrumando, enfrentando. Não estou mentindo. Quando as pessoas vinham nos visitar, quando mesmo a escola foi desenvolvida, foi chegando cadeira, caderno, freezer e outros materiais. Quando veio o projeto para construção do colégio, daí, por minha vez, doei um pedaço de terra para fazer nossa escola. Mas todo mundo ajudou na construção desse colégio. Quando precisava de água, aí todos ajudavam para carregar água, tijolo, areia tudo isso com ajuda dos alunos.

### **3.4 AS LAGOAS HOJE**



Lagoa de Mangue Alto antes (RITA e SEZINHO, 2012).

Atualmente, na localidade de Mangue Alto, são encontrados muitos lugares os quais apresentam vestígios de que ali havia lagoas. Mas o descaso das pessoas fez com que esses ambientes fossem submetidos a diversas formas de agressão. Poluição e contaminação como lixo, esgoto, muitas vezes, levam esses recursos a um desequilíbrio com consequências irreversíveis a toda fauna e flora que nele habitam e que a comunidade utiliza para sua sobrevivência.

A localidade de Mangue, hoje, encontra-se com menos lagoas devido à ação dos homens. Os mesmos soterram algumas, e outras não estão em sua forma originária. Encontram-se cobertas de lixos por parte dos posseiros ou até mesmo por algumas pessoas da comunidade. Mas, mesmo assim, Mangue Alto ainda é um lugar privilegiado e farto de água.

Os moradores de Mangue Alto, atualmente, estão-se preocupando mais com suas lagoas. Os mesmos sabem que é delas que sua população precisa para lavar suas roupas e atender outras necessidades.

Esse patrimônio natural reserva grandes histórias ainda hoje. Seus mitos e encantos são repassados dentro da escola, fortalecendo a compreensão de cada pessoa que reside na comunidade e se preocupa com o meio que os rodeia.

### **3.5 MODELOS DAS CASAS DE HOJE**



Casas de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

Atualmente, Mangue Alto está cheio de casas, e todas compostas com modelos diferentes, pois as mesmas são feitas com material comprado na serraria. Raramente, encontra-se casa feita de palha. Além disso, a localidade se encontra arrocada devido ao amontoado de tantas casas. Isso dificulta a sobrevivência das pessoas que ali habitam.

### **Fala de Zé Biinha (2012)**

[...] hoje sai mais fácil comprar a madeira na serraria, porque o local em que ainda existe madeira para ser tirada vai sair mais caro do que se comprar. Porque o tempo que o pessoal tem para ir tirar essas madeiras em outro local é tempo que ele já tem levantado sua casa de tijolo, pois a gente compra num dia e, no outro dia, já começa a construir a casa. Hoje alguém cair na besteira de fazer uma casa de palha é capaz de pegar chuva por causa das coisas que estão mais difícil. Hoje nem as paredes são rebocadas de barro, para que as pessoas não tenham a preocupação de tarem mudando o reboço a cada ano. Enquanto de tijolo se faz num dia tal e ali permanece por muito tempo. E ali fica seguro pra filhos e neto, e, se for de coberta de palha, você tem que tá mudando.

Hoje, no Mangue Alto, está cheio de casa devido a um irmão chamar outro. Assim, o aldeamento foi ficando uma verdadeira avenida como pode ser observado hoje. Por outro lado, vai aparecendo gente de fora que compra as terras de pessoas dentro do próprio aldeamento. Dessa forma, vai fazendo o acúmulo de casas. Mangue Alto, hoje, tem em média umas duzentas casas. Com isso, seu espaço não é mais o mesmo com tendência de aumentar a cada ano.

### **3.6 MANGUE ALTO HOJE**

A localidade de Mangue Alto ainda hoje preserva seu nome. As pessoas que ali residem cuidam bem da região para as próximas gerações. As lideranças locais ainda lutam contra as pessoas que querem se apossar de seu espaço.

Com a chegada de outras famílias, Mangue Alto foi aumentado, mas sua origem permanece intacta na memória de cada morador que ali reside.

Mangue Alto não tem mais os grandes mangues, mas seu nome permanece, como forma de lembranças de como ele era antes e como é visto hoje.

### **3.7 CONSTRUÇÃO DA ESCOLA DO MUTIRÃO DE MANGUE ALTO ANTES**



Zé Biinha levantando a escola de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

Diante de uma necessidade da comunidade de Mangue Alto, por não terem um espaço próprio para ensinarem seus alunos, as pessoas se reuniram na casa de D. Nenê Beata para

escolher um local onde pudessem implantar uma escola que atendesse a comunidade local. Em meio de tantas propostas, a senhora Nenê Beata, líder da comunidade, doou um pedaço de seu terreno para a escola ser construída, pois a comunidade sabia que, com uma escola implantada no espaço próximo, para as famílias que necessitavam dela, facilitaria o acesso dos alunos devido a estar mais próxima deles.

Desde então, começou a correria para conseguirem o material pra isso. Toda a comunidade mobilizou-se e foi em busca de parceiros que ajudassem nessa construção e contaram com o apoio da Igreja metodista, Prefeitura, do Grupo Votorantim e de toda a comunidade local. Com o material junto, deu-se início a um novo processo. Dessa vez, incluindo a comunidade, os professores e os alunos, os quais botavam todo o material nas costas subindo e descendo morro. Com todo o material no local onde a escola ia ser construída, deu-se início à construção da escola, em 6 de fevereiro de 2006. Ela passou seis meses em processo de levantamento. E todos os trabalhadores que fizeram essa escola eram pessoas que faziam parte da comunidade, onde os mesmos ajudavam voluntariamente. Finalmente, as pessoas concluíram a construção dessa escola no dia 17 de setembro de 2006. Com a escola concluída, deu-se início a seu funcionamento no dia 6 de fevereiro do mesmo ano.

### **Depoimento de Zé Biinha, em 25 de maio de 2012**

Construção da escola de Zé Biinha... a gente tinha também uma dificuldade da escola que não tinha, né? As meninas lá de casa estudaram com o compadre João Bosco, estudaram com as meninas do compadre Luís Canudo, escolinha em casa, né? Nas casas, porque não tinha colégio. Aí depois, elas foram estudar lá no urubu

na escola da Dijandira. Depois se mudaram para Itarema, e aí a gente não tinha. E depois apareceu essa escola indígena. Eu não sei como foi que... qual foi o primeiro... a fundação dela, eu não sei de onde inventaram. Não sei se foi por intermédio da Nenê e Rosa. Daí foi que surgiu pra gente arrumar essa casa que a gente tem hoje, a escola, né? Mas agora a minha contribuição nessa escola aqui eu não sei nem avaliar do jeito como foi. Eu acho que foi trabalhar, aqui eu caço, até porque até sozinho trabalhei nessa escola aqui, só eu. Eu tenho serviço nesse colégio, nessa escola aqui. Do dia que nós fomos receber, eu já comecei a trabalhar aqui, já trouxe os paus para enfiar onde ela disse que era, aí já comecei a trabalhar desse dia pra cá. Aí desse dia ficou na minha responsabilidade que eu era a liderança fora a Nenê. Eu era a pessoa que podia tomar de conta do trabalho. Aqui era só eu. Aí daí pra cá, começou a luta. Eu andei atrás de gente para me ajudar a ajeitar esse chão, trabalhei. O Zé Beata me ajudou aqui, não sei se foi uns dois ou três dias. Não sei quantos dias foi, só que a gente não trabalhava o dia, sabe? A gente trabalha meio dia, aí foi o tempo que eu andei trabalhando aqui mais uma galera. Aí eu vi que não ia... era trabalho, era muito só pra mim. Eu mim entendi, eu conheci que eu não ia dar conta do trabalho. Aí eu fui lá no João Venâncio. O João Venâncio nesse tempo ele tinha um grupo. Um grupo de oito a dez homem formando um grupo. Quando tinha assim um trabalho assim meio embaçado, meio precisado, aí se juntava esse grupo de homem, enfrentava o trabalho e caminhava, né? Eu fui, cheguei lá no João Venâncio, falei pra ele, ele disse que eu fosse lá no João Polino que ele era o dono do grupo. Tá certo. Aí eu fui, falei com o João pra marcar o dia que era pra eu juntar os homens. Aí o

João falou quantos homens eram. Eu falei: 'Vai ser pouco'. Fui lá no saquim, fui no Zé Fué, se no grupo deles lá não dava pra eles arrumarem assim uns homens pra gente fazer esse trabalho aqui que a gente tava precisando e tava difícil. Aí ele foi disse assim: 'Não é muito fácil não, sabe como é que é? Trabalhar assim de graça, às vezes, eles até promete, mas no dia não vem. Mas que dia tu quer?' Aí eu marquei o dia, né? Pois eu vou arrumar. Eu não sei é quantos vou arrumar. Não sei se é dois, é três ou é quatro, mas eu vou arrumar.

De acordo com Zé Biinha, a escola de Mangue Alto foi construída com muito esforço, pois deu muito trabalho para encontrar pessoas que estivessem prontas para ajudar na sua construção.

[...] Rapaz, se não fosse a Marli, nós não tinha esse colégio aqui não. Aí chegou e perguntou: 'Seu Zé, como é que está o trabalho no colégio?' Aí foi, eu contei a ela. Ela disse: 'Pode despachar os homens, que eu arrumei a máquina pra ajeitar o chão'. Eu disse: 'Foi mesmo, Marli?'. 'Foi'. Aí a máquina veio ajeitar o chão, mas, antes disso, nós já tinha dado um começo que era com o Silas, aquele evangélico que teve um tempo mais nós. Ele é que queria levantar o colégio, é quem queria dar uma força grande, assim como a Marli deu. Aí nós fizemos o pontapé, fizemos o canto de cima e o de baixo, fizemos os dois cantos da frente e fizemos uma a uma parede. Aí o material que veio logo pra começar, o material que veio, a brita, a pedra, a areia ficou lá na estrada. Imagine aí como era que a pessoa ia trazer essas pedra, a dificuldade que dava. Aí eu disse: 'Rapaz, vamos se valer é das carroças que tem por aí'. Então eu fui lá no

Nélson. Foi ele que ganhou essa nota. Aí pegamos o Nélson pra botar essa pedra e essa brita todinha pra cá na carroça. Foi o tempo que uma filha do Silas se acidentou em São Paulo. Veio o chamado pra ele que ela tinha quebrado a bacia. Paremos de trabalhar. Passemos quase um ano parado aqui, sem continuar o trabalho, e eu atrás de continuar o serviço e não aparecia ninguém. O Raimundo chegou de Fortaleza, e eu me convidei, mas a Andreína e eu falemos com ele. Aí o Raimundo começou a trabalhar mais nós. O tijolo, o barro, nós pedimos para eles não deixarem, mas lá na estrada subirem pra ficar pelos menos mais perto. Só que o trator entrava, mas subia bem pouquinho. Aí se atolava, lá ficava. O tijolo, o barro, a areia grossa de lá a gente trazia de um em um na mão. Meninos com umas bacia. Os maiores com bacia maiores, outros com garrafas de coca-cola cortada no meio, qualquer tanto que trouxessem era ajuda. A Marli chegou um dia com uma ideia que nós fizemos uma enfiadeira desde lá de baixo até aqui em cima feito uma enfiadeira na posição de alcançar a mão um do outro. Aí de lá um pegava o tijolo dava pro outro, o outro dava pro outro. Sei que nesse cordão aí nós mudamos esse tijolo todim aí numa tarde. Assim nós trabalhemos uns dias. Quando tinha muito trabalho assim, se juntava a tropa e a água. A água também era um sufoco. Nós tirava água ali da bomba ali do João Pombão, nós tiremos ali uns dias. Depois vimos ele com a cara meia não gostando, aí nós começamos trazer água lá da casa da Nenê. De tarde, a Andreína pegava os alunos quem tava desocupados e tinha boa vontade ai vinham botavam água nos tambó isso à tardezinha para que, no outro dia, água estivessem no ponto que era pra no outro dia não empalhar a escola que era lá na casa da Andreína. Aí tinha vez que a

gente gastava mais água do que nos outros dias. Aí antes de terminar o dia, eu corria pra casa. Muitas vezes, eu chegava no meio da escola e dizia: 'Andreína, água'. E ela mandava os alunos encostarem os cadernos e se mandavam, iam botar água. Aguentamos o tempo desse jeito. Aí pra interar o meu trabalho pelo prazer de ver essa escola pronta.

Seu Zé Biinha, às vezes, se sentia aperreado com os serviços a serem feitos. Então pedia ajuda à professora Andreína, sua filha, que imediatamente liberava seus alunos para irem buscar água.

Depois apareceu uma visagem derramando água. Um dia, nós chegamos aqui bem cedo, o tambor d'água tava virado. Nós tinha deixado cheio, aí botava umas tábuas por cima que era para o gado não derramar. Um dia, terminamos o trabalho, e eu fique, pois eu era o primeiro que chegava e o último que saía, enterrando as tábuas, que era pra que a negada não levassem porque, se deixassem do lado de fora, era meio que entregar. No outro dia, não tinha nenhuma. Todo dia, eu tinha esse trabalho. Aí nesse dia, terminamos aqui, enterrei as tábuas, demorei um pedacim, aí fui pra casa. Foi, vim aqui de novo. Na hora que eu cheguei, entrei aqui, eu escutei bater no tambó, aí eu reparei pelos 'comobói', o tambor tava virado. Eu arroteei, cheguei lá, peguei o tambor, não tinha derramado tudo. Tinha virado, mas não tinha derrubado todo de uma vez. Eu 'apulumei' ele aqui. Aí eu corri, arroteei aqui, ele tava sentado nas pedra do banheiro. Aí nessa hora eu não sei não, Deus toma de conta da gente. Eu maginei umas poucas de vezes de meter a 'foiça' que eu tava com ela nas mãos, mas aí eu

perguntei a ele que mal aquele também tinha feito a ele. Se ele não tava sabendo que a gente botava aquela água ali, era porque precisava. Eu disse umas coisas, aí ele disse que não tinha sido ele não. Aí eu disse: 'Rapaz, tu não assume porque tu não quer. Fora de tu quem é que tem aqui, não é tu?'. Aí eu disse: 'Oi, rapaz, tu já fez essa vez, que agora já faz duas vezes, mas eu vou te pedir, eu não vou proibir não, porque eu não posso proibir e dizer que tu não faça. Eu vou pedir para que tu não faça mais essa porque tu sabe que a gente bota essa água aqui porque tamos precisando'. Aí saí todo me tremendo. Quando eu cheguei no canto do colégio, ele disse: 'Olha tu quer ser dono disso aqui, mas tu não é não. Isso aqui é nosso'. Aí também eu saí logo, foi de xoto pra casa. Antes dessa, nós deixava o material do Raimundo dentro do banheiro e, quando foi um dia, nós chegamos pra trabalhar, e, quando ele foi olhar, as coisas não tinha mais nada. Tinham levado tudo. Nesse dia, trabalhemos com uma colherzinha que eu tinha lá em casa. Isso foi as coisas que eu passei aqui, tinha vez que dava vontade de rir, de chorar, e a participação do Raimundo foi muito importante aqui. Ele trabalhava pra nós de segunda a sexta-feira, trabalhava cinco dias, mas só que um dia ele dispensava. Aí a gente tinha que arrumar o dinheiro. No sábado e domingo, eu ia pescar que era pra arrumar comidas para os trabalhadores. Pois é, aí fomos subindo trabalho e fomos continuando aí nós fizemos um acordo com a Nenê. Ela dá durante uma semana a comida dos trabalhadores e na outra era nós lá de casa. O pagamento do Raimundo era pra ser dividido, aí ficou só por conta da Andreína e, quando eu podia, eu ajudava. Nem podia porque o meu trabalho era aqui sem ganhar nem um centavo. Aí nós se apertamos porque só o dinheiro da

Andreína não dava. Foi preciso a Marli tirar dinheiro do projeto pra ajudar na conta do pedreiro. Eu sei que nós aguentamos. Quando tava levantado no ponto de madeira, aí agora é a hora de ir pra prefeitura, que o prefeito Robério prometeu que ele ia dar uma ajuda na parte de cima, que, quando tivessem pronto, podia procurá-lo. Aí apareceu uma história de que a Nenê tinha dito que não queria ajuda do prefeito nesse colégio aqui. Eu disse: 'Ela disse pra lá, não disse a mim, deixa pra lá'.

Em meio a tanto esforço e dedicação que Zé Biinha tinha em ver a escola pronta, contou com a ajuda de seu filho Raimundo, o qual trabalhou ajudando na construção da escola onde trabalhava cinco dias, mas deixava um de graça, como sua colaboração.

Aí a Marli mais a Andreina foram no prefeito. Não deram com o prefeito em casa, tava só o secretário. A Marli disse que elas tinham ido atrás da coberta do colégio que o prefeito tinha prometido. Quando foi no outro dia, o Zé Beata disse a mim que não aceitava nem um pau, nem telha aqui em riba desse colégio pra ele andar dizendo que o colégio era dele. Quando foi no outro dia, chegou a mercedes com a carrada de material. Arriaram a telha lá encostado do Zé Beata, e o trator deixou a madeira todinha na Andreína. Agora imagina aí pra arrastar essa madeira nas costas, lá da Andreína pra cá, mais de trinta linha, ripa e caibo. Pra essa madeira vir de lá, eu fui atrás de gente na praia pra nós botar pra cá. Aí veio o Cristiano, o Babim, sei que nós se juntamos lá em casa passamos uns dois dias carregando essa madeiras no ombro, e a telha nós falamos com um trator pra botar pra cá. Aí o Raimundo botou as linhas e os caibros. Aí eu

disse: 'Raimundo, agora pode deixar o resto comigo'. Aí eu ripei, cobri, reboquei, puxei o piso, as portas foi eu. Passava o dia todim batendo aqui, trabalhei de noite, rebocando aqui com as luzes acesas, lamparinas, mas tô satisfeito. A negada estão estudando, e eu entendo a Andreína, a Cristina e Angelina, trabalhando aqui, ensinando, e tenho os meninos estudando. Não ganhei trabalho, mas tenho minha família. Era o que eu tinha vontade de ter, que minha família trabalhasse. Aí, de vez em quando, eu escuto, só aparece emprego para família do Zé Biinha. Eu vi trabalhar aqui, apareceu uma história aqui de que eu era um malaco, tava comendo era mole. Eu não chamava ninguém pra ajudar que era pra eu comer o dinheirinho sozinho, tirando de dez real que a Andreína me dava. Não era nem toda semana que ela me dava, às vezes, ela me dava vinte. Foi o dinheiro que eu tirei daqui desse trabalho desse colégio foi esse. Chegou uma mulher um dia aqui, eu tava rebocando, e ela perguntou: 'Tu ganha aqui por mês, por semana ou é por dia?'. Eu disse: 'Aqui, rapaz, eu não ganho nada não'. Ela disse assim: 'Tu trabalha aqui é de graça? Tu não tem família não? Tem não, pra trabalhar de graça'. Aí eu disse assim: 'Pois é, por isso que eu tô trabalhando de graça, porque, se eu não tivesse família, eu não tava trabalhando não, porque eu trabalhando de graça afuturando trabalho para minha família'. Aí ela saiu, rapaz.

**Sezinho:** Quanto tempo durou nessa construção?

**Zé Biinha:** Rapaz, eu não sei não. Eu não sei se a Andreína terá..., mas durou um bocado de meses; as primeiras vezes que os alunos vieram estudar aqui nesse colégio, pra começar as aulas mesmo, foi no dia dezessete de fevereiro de 2005. Hoje o povo de Mangue Alto tem orgulho

em dizer que tem uma escola que retrata sua vida, pois foi construída pelas pessoas da localidade e parentes, vizinhos, que se comoveram com a luta do povo local.



Zé Biinha liderança de Mangue Alto  
(RITA e SEZINHO, 2012).

### **Entrevista com Angelina, em 25 de maio de 2012**

Entrevista com Angelina, 20 anos, professora da escola de Mangue Alto, pessoa que ajudou na construção dessa escola.



Angelina, professora da escola de Mangue Alto  
(RITA e SEZINHO, 2012).

**Rita:** Qual foi sua contribuição na escola de Mangue Alto?

**Angelina:** Minha contribuição na construção dessa escola foi em tudo. Eu participei, coloquei tijolo, água, telha até na pintura da escola.

**Rita:** Qual foi sua primeira professora?

**Angelina:** Minha primeira professora foi Andreína. Na época, eu era aluna, hoje sou professora do sexto ano.



Alunos da escola de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

## Entrevista com Gleiciele, em 25 de maio de 2012



Gleiciele, professora de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

Gleiciele foi aluna da escola de Mangue Alto e, atualmente, está lecionando na mesma. Ela também ajudou na construção da escola.

**Rita:** Sua contribuição, qual foi, Gleiciele?

**Gleiciele:** Eu ajudei na botação dos tijolos, água, telhas. Eu e meus companheiros de classe fazíamos uma fila, e um passava pro outro os objetos até chegar na última pessoa. Assim fizemos muitas vezes até a escola ficar pronta.



Alunos da escola de Mangue Alto botando água (RITA e SEZINHO, 2012).

## **Entrevista com Alexandrina, em 25 de maio de 2012**

**Alexandrina:** Meu nome é Alexandrina, tenho dezesseis anos e sou aluna da escola de Mangue Alto, onde ajudei na sua construção e hoje sou professora desta mesma escola. Na época da construção da escola, eu coloquei tijolos, subindo e descendo morros.

**Rita:** Desde quando você estuda nessa escola?

**Alexandrina:** Eu estudo desde criança, até minha primeira professora foi a Rosângela, na casa de sua mãe, Dona Nenê Beata.



Alunos botando água para construção da escola de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**A**tualmente, as pessoas de Mangue Alto sofrem por não viverem mais no seu lugar originário. Sua terra não é mais uma terra livre e limpa como antigamente. Os índios dessa localidade sentem-se aprisionados pelas cercas dos brancos, espremidos entre os caminhos e estradas. Nós elaboramos este livro, a partir das nossas experiências de trabalho de curso. Nessa localidade, que tem o nome de Manque Alto, encontram-se índios e não índios. Ao realizamos este trabalho, estamos resgatando as memórias do povo Tremembé sobre a origem e história, mostrando as causas ocorridas no local. Sabe-se que o povo Tremembé tem apego ao seu patrimônio porque são referências de suas origens. O maravilhoso dessa elaboração é que nos vai ajudar a pensar como estamos lidando com os desafios em nossa comunidade e fazer com que outras pessoas respeitem nosso espaço físico. Devemos ter cuidado com ele, conservá-lo e procurar não destruí-lo para garantir uma boa qualidade de vida na comunidade de Mangue Alto.



## BIBLIOGRAFIA

BORGES, Jóina Freitas. *A história negada: em busca de novos caminhos*. Teresina: FUNDAPI, 2004.

----- . *Sob os Areais: Arqueologia, história e memória*. Teresina: UFPI, 2006 (dissertação de mestrado).

SOUZA, Maria Bruhilda Telles de. *Mitos e símbolos na migração praiana: o caso de Almofala*. Fortaleza: UFC, 1983. 168 p. (Dissertação de mestrado digitada).

VALLE, Carlos G. O. *Os Tremembé: grupo étnico indígena do Ceará*. Laudo Antropológico. PETI/Museu Nacional, 1992. 67 p. (digitado).



## **TÍTULOS DA COLEÇÃO “MAGISTÉRIO PÉ NO CHÃO”**

1. Primeiras letras na cultura Tremembé (Livro do Professor)
2. Primeiras letras na cultura Tremembé (Livro do Aluno)
3. Fauna e flora Tremembé da Região da Mata
4. História da educação diferenciada Tremembé
5. O Lagamar na vida dos Tremembé de Varjota e Tapera
6. Inventário de elementos da cultura material do povo Tremembé
7. Luta e resistência dos Tremembé da Região da Mata pelo seu Território
8. Aldeamento Tremembé de Almofala: o espaço do Mangue Alto - ontem e hoje
9. Medicina tradicional do povo Tremembé
10. *Dicumê* Tremembé de antes e de hoje
11. Jogos matemáticos para as escolas indígenas Tremembé
12. A pesca no Mar de Almofala e no Rio Aracati-mirim: histórias dos pescadores Tremembé
13. Os encantados e seus encantos: narrativas do povo Tremembé de Almofala sobre os encantados
14. Histórias Tremembé: memórias dos próprios índios



Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC  
Av. da Universidade, 2932 - fundos, Benfica  
Fone: (85) 3366.7485 / 7486  
CEP: 60020-181 - Fortaleza - Ceará

[imprensa.ufc@pradm.ufc.br](mailto:imprensa.ufc@pradm.ufc.br)